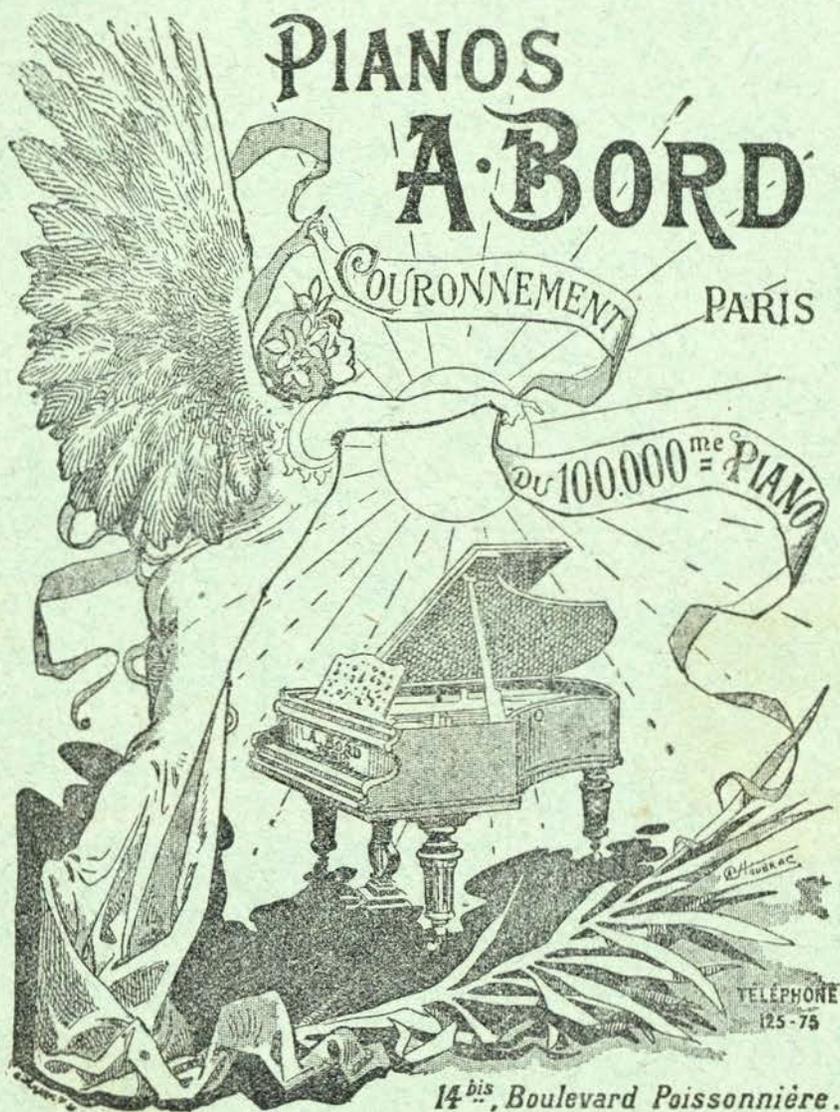




A ARTE

MUSICAL



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000 pianos  
Produção até hoje ..... 116:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)  
Membro do Jury—Hors concours

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.  
 MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princesa Real da Suecia e Noruega — Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princesa Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).  
 BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.  
 PARIS. — 334 RUE ST. HONORE.  
 LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

LOUIS  
 REHEAD

## Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

## BECHSTEIN

43 — P. dos Restauradores — 49

## TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

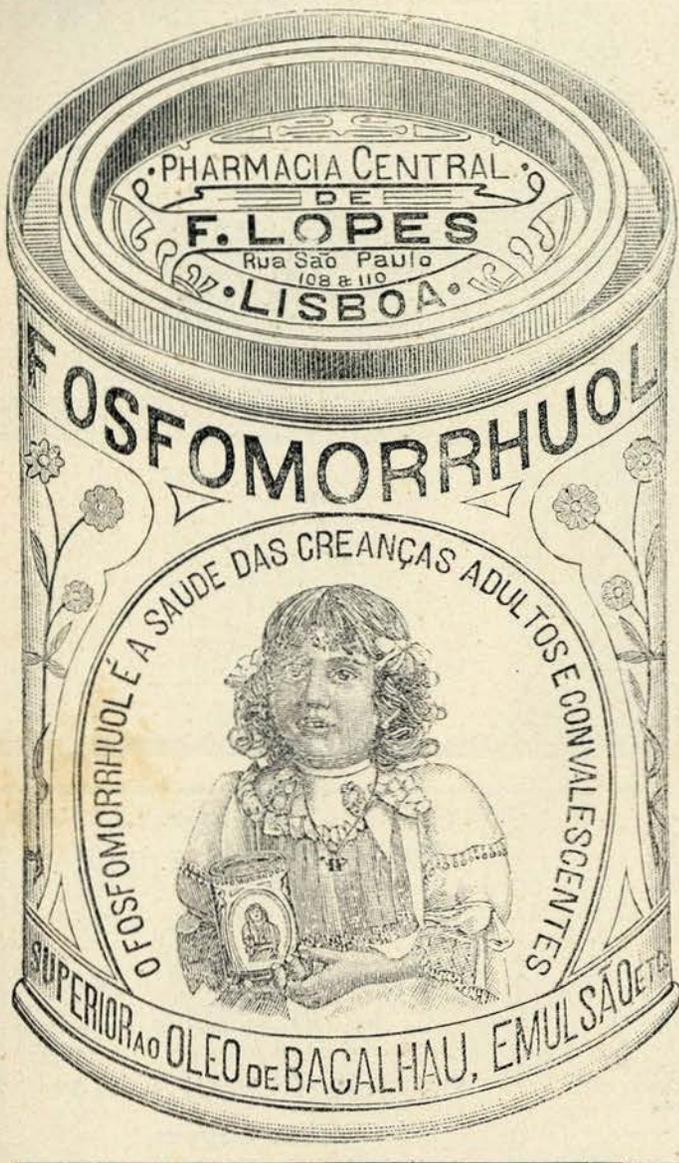
108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

## BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — AFINAÇÃO SEGURA — Construção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM



# LAMBERTINI

Representante dos Editores  
Franceses

Edições economicas de Ricordi,  
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-  
gräber, etc.

## Partituras de Operas

Antigas e modernas  
para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas

para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

**LISBOA**



Revista publicada quinzenalmente

Proprietario e director

Michel'angelo Lambertini

Redacção e admnistração: P. Restauradores, 43 a 49—Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Fantin-Latour — A Grande Orchestra Portugueza — Joseph Joachim (*conclusão*) — Notas Vagas — Theatro de S. Carlos — Memorias de uma rainha — Concertos — Noticiario.

## Fantin-Latour

(1836—1905)

Autour du piano (Museu do Luxemburgo, Paris)

Na vasta galeria dos pintores, que se inspiraram em assumptos musicaes para traduzirem na tela fundas emoções artisticas, Fantin occupa lugar primacial pela inalteravel devoção com que dedicou a Berlioz, Wagner, Brahms e Schumann algumas das bellas paginas, entre as suas inspirações eclecticas no dominio da *Belleza*. Este grande romantico, suggestionado pelos maiores mestres venezianos do seculo XVI, dos hollandezes da época de Hals e Van du Helst e dos francezes do seculo XVIII, comprehendeu em toda a sua extensão a theoria da solidariedade das artes, e pelas suas creações d'homenagem aos musicos, aos pintores e aos homens de let-

tras confirmou n'um alto exemplo a doutrina, tão sabiamente expressa por Mauclair no seu bello livro *Ideés vivantes*.

As *illustrações*, que completam com desusado relevo as monographias de «Richard Wagner» e «Hector Berlioz», de Ad. Julien, são as mais plasticas reconstituições dos sonhos d'arte, que passaram do espirito dos

reformadores do drama musical para a mentalidade contemporanea. E se fosse possível a illusão scenica, como a creou com o desenho a arte cheia de poesia, de Fantin, a acção espiritual da obra lyrica seria decisiva, sem que tanto tempo e tantos esforços retardassem



AUTOUR DU PIANO

triumpho definitivo d'uma forma suprema d'arte.

Superiormente devotado ás manifestações intellectuaes do seu tempo. Fantin-Latour, além do cyclo de composições consagradas aos maiores genios musicaes contemporaneos, inspirado nas *corporações* dos grandes hol-

landezes, legou em tres telas as affirmações syntheticas do criterio complexo que presidiu á gestação d'essas obras: a *Homenagem a Delacroix*, o artista que funde toda uma época d'arte, de historia e de litteratura em telas, que a posteridade conservará n'uma universal consagração; o *Atelier aux Batignolles*, em que Ed. Manet, Zola, Renoir, Fantin, Astruc, Bazile, Schroeder e Cl. Monet estão reunidos pela formula d'arte, de que foram inspirados defensores; e finalmente o quadro *Autour du piano*, que associa ao pianista e compositor Em. Chabrier, Vincent d'Indy, Pigeon, Ad. Jullien, Camille Benoit, Ed. Maitre, Lescaux, Boisseau, o grupo de intellectuaes que foram no ultimo quartel do seculo XIX os paladinos do Wagnerismo.

A obra de Fantin, embora vinculada á dynastia em que se succedem os maiores nomes da renascença italiana, os patriarchas da arte flamenga e hollandeza e os mestres o seculo XVIII, presididos por Watteau, tem o inconfundivel cunho da criação emanada das fortes emoções individuaes do artista e do poeta.

GUIDO.



## A « Grande Orchestra Portugueza »

Poucos conhecem as difficuldades com que se lucha entre nós para o conseguimento definitivo d'um agrupamento orchestral, assente em solidas bases e com garantias seguras d'existencia e probabilidades de progresso.

A orchestra é um poderoso e complexo instrumento, cuja transcendente technica demanda um largo preparo; é por assim dizer a somma de todas as difficuldades que singularmente se apresentam a cada instrumentista, na execução conscienciosa do seu papel, agravada com um problema de suprema importancia, qual o de obter, em elementos tão diversos pela intelligencia, pela educação e pela capacidade, a absoluta unidade d'intenção e de sentimento.

Compreende-se que o concertista consagre algumas horas em cada dia á conservação e desenvolvimento das suas faculdades de technica e de interpretação; é o que faz a maioria dos tocadores, mais ou menos celebres, que temos admirado no tablado das salas de concerto.

Não menos tenaz e não menos constante tem de ser o trabalho d'orchestra para o conseguimento de uma homogeneidade per-

feita e de uma rigorosa observancia dos promenores expressivos que caracterizam toda e qualquer obra d'arte; é com esse esforço constante e methodico que conseguem maravilhas as grandes orchestras estrangeiras, como as que já aqui ouvimos sob a regencia de Colonne, Chevillard e Nikisch.

Elles, os mestres abalisados que todo o mundo musical venera e cuja competencia ninguem ousa contestar, não poderiam obter esses primores d'execução com uma orchestra composta de elementos desconexos e indevidamente tirocinados nos trabalhos symphonicos.

Um d'elles mesmo, Eduardo Colonne, que veiu aqui dirigir ha 20 annos os nossos musicos, quando ainda havia um grupo de artistas notabilissimos e mais preparados que os d'hoje para a musica de concerto, poderia dizer, se quizesse, quantas desillusões soffreu e que canceiras teve para conseguir por fim um resultado que longe estava de satisfazer as suas grandes e legitimas aspirações d'arte. E com essa verdade, que ainda ninguem disse em letra redonda, mas que está sem duvida no espirito de todos os d'esse tempo, só queremos significar que por grande capacidade directiva que tenha o mestre, e por maior que seja o talento artistico dos executantes, é sempre arriscado e hesitante o trabalho orchestral, que não venha precedido d'uma longa e bem methodisada preparação. Porque milagres... já não se fazem.

Ora é precisamente na difficuldade de realisar essa preparação, que reside um dos obices mais serios, com que tem a lutar a *Grande Orchestra Portugueza*. E ninguem supponha que ha retrahimento ou menos interesse por parte dos artistas e amadores que compõem a orchestra.

Nem por sombras; e para corroborar a negativa basta vêr a inilludivel devoção com que, n'um trabalho penosissimo, se bem que quasi sempre *de ultima hora*, se teem consagrado ao bom exito do emprehendimento e a elle teem sacrificado interesses primarios que o artista difficilmente pode postergar. Pode assim affirmar-se que actualmente, todos e cada um dos executantes da nossa orchestra são movidos pelo interesse artistico que ligam a este commettimento, pela confiança que n'elle teem e pela convicção de preencher uma lacuna, que a todos se afigura lamentavel.

Mas não é só d'esses bellos ideiaes que vive o profissional da musica. Amarrado a um trabalho de todas as horas, deprimente sob o ponto de vista artistico e pessimamente remunerado na maioria dos casos, como póde o nosso artista furtar á sua propria subsistencia as horas precisas para um trabalho

seguido, cujos proventos se lhe antolham problematicos?

Deprimente, dissemos que era essa obrigação quotidiana do artista. Deprimente, sim. Todos sabem a que genero de trabalho está sujeito o pobre profissional da musica nos theatros e nas egrejas da nossa terra. Até no proprio theatro lyrico, onde já se tem querido ver uma escola d'arte para os nossos musicos, é forçoso confessar que pouco ou nada ganham — na lufa-lufa de ensaios repetidos e fatigantissimos e sem tempo de amadurecer o trabalho feito, pela precipitação com que as operas tem de succeder-se...

Não prolonguemos, porém, a divagação e voltemos á nossa Orchestra Portugueza.

Além d'essa tremenda lucta que apontamos e que só com uma poderosa protecção official, se poderia attenuar, muitas outras difficuldades surgem a cada passo. Uma das mais embaraçosas é a escolha da sala, ou melhor, a obtenção de uma sala.

Sabe-se que não ha em Lisboa um local adequado para grandes concertos. E' preciso lançar mão de um theatro, que, ou não tem as condições acusticas que se requerem, ou não tem as precisas accomodações para o publico especial dos concertos, com logares baratos e commodos, ou não póde, e isso é talvez o obice mais serio, alliar os interesses da sua propria exploração com as necessidades da montagem e execução de concertos symphonicos.

O palco de um theatro está ordinariamente occupado de dia e de noute; de dia com ensaios e preparativos, de noute com as recitas. Se o empresario ceder os dias para os ensaios orchestraes, prejudica os trabalhos que directamente o interessam, se ceder as noutes para os concertos, tem de exigir uma indemnisação que não só lhe cubra os lucros cessantes, mas que lhe permita pagar á sua companhia, que tem de vencer os seus honorarios, quer trabalhe quer não.

Nos concertos que a Orchestra Portugueza já tem realisado, quer na Trindade, quer no D. Amelia, não attingiu essa indemnisação verbas extremamente fortes, porque os respectivos empresarios tiveram o generoso desprendimento de sacrificar os seus justos interesses á causa dos artistas portuguezes, reduzindo quanto podia ser as suas legitimas exigencias. E ainda assim, bastaria lançar a vista sobre as contas de receita e despeza dos concertos realisados para avaliar-se quão onerosas foram ainda essas verbas de aluguel de sala, relativamente ao lucro geral do empreendimento.

O peor de tudo porém é que o empresario, seja elle qual fôr e por muito desejo que te-

nha de auxiliar este commettimento, ha-de retrahir-se forçosamente em presença do prejuizo que a provisoria cedencia do theatro lhe acarreta. E difficultará essa cedencia para obviar ao prejuizo.

Se fossemos a desfiar, uma a uma, as difficuldades de todo o genero, com que tem a defrontar-se entre nós este empreendimento, encheriamos um livro. E é por isso que não conseguimos isentar-nos de uma certa hesitação, ao annunciar, para breve, uma serie de tres concertos da grande Orchestra. Poderão vencer-se todos os obices? Não surgirá algum embaraço, previsto ou inesperado, que as melhores vontades não consigam debellar?

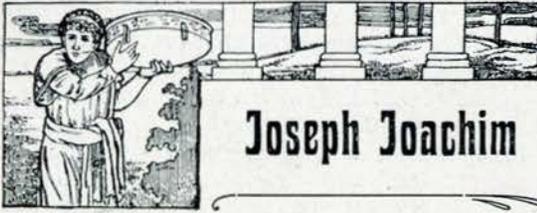
Em todo o caso, alguma cousa ha de verdadeiramente consolador, com que parece poder contar-se: é o favor do publico, que tanta sympathia mostrou por esta empreza d'arte nos concertos já realisados e que parece manter-se firme e inabalavel no interesse com que a grande maioria dos nossos amadores tem buscado informar-se do seu proseguimento e progresso.

Effectivamente os trabalhos preparatorios para os tres grandes concertos, que se projectam dar em abril, teem já dado resultados muito animadores e logo que feche o theatro lyrico far-se-hão seguidamente os ensaios definitivos e finaes das obras mais importantes.

E' realmente muito brilhante o conjuncto d'obras que vão ouvir-se n'este cyclo de concertos e podemos desde já citar as seguintes: — *Terceira e Quarta Symphonias* de Beethoven; como *suites* d'orchestra o *Manfredo* de Schumann, *Jorsalfar* de Grieg e *Scènes alsaciennes* de Massenet; de Wagner as *ouvertures* do *Navio Phantasma*, *Mestres Cantores* e *Tannhaüser*; os preludios da *Reine de Saba* de Goldmarck e do *Flibustier* de Cesar Cui, completas novidades para o nosso publico; o preludio do *Déluge* de Saint-Saens; um fragmento do *Stabat-Mater* de Pergolese, um intermezzo de Boelmann, um trecho symphonico da *Redemption* de César Franck, e outras obras.

A' musica nacional será reservada, como de justiça, uma larga parte nos programmas em projecto. Podemos apontar o preludio do *Frei Luiz de Sousa* de Freitas Gazul, os bailados de *Amrah* de Frederico Guimarães, um *Impromptu* de Julio Neuparth, uma *Suite* de José Henrique dos Santos, outra de Oscar da Silva, etc.

Quanto ás datas certas dos concertos e local onde hão de effectuar-se é que por ora não podemos fixar aos nossos leitores. Sabel-o-hão brevemente pelos principaes jornaes diarios.



(Continuado do numero 220)

O outro *Jubileu de diamante* realizou-se graças ao entusiasmo de um grande numero de admiradores ingleses de Joachim, que se organizaram em sessão permanente, todos amadores, nem um só artista nem sequer de longe. Reuniram-se, deliberaram, quotisaram-se e a 16 de maio de 1904 prepararam-lhe uma surpresa, celebrando solememente o seu jubileu de diamante em Quen's Hall, em Londres.

Cheia a sala á cunha, n'uma expectativa buliçosa, que se tornou imponente pelo silencio que precedeu a abertura da festa, o concerto principiou contendo musicas familiares de Mendelssohn, Schumann e Brahms—os que mais influiram sobre a organização musical e a carreira de Joachim—o concerto de Beethoven tocado pelo mestre e a sua abertura de *Henrique IV*, para orchestra, por elle dirigida.

Terminado o curto concerto no meio d'ovações entusiasticas, succedeu-lhe a segunda parte do Jubileu, que principiou pelo seguinte discurso proferido por sir Hubert Parry:

«N'um tempo conhecido pela maior parte dos presentes só por outiva, vós trouxestes primeiro de todos ante uma audiencia ingleza a promessa d'essa execução que tem sido eminente entre duas gerações de homens; que nós ainda bemdizemos como um prazer que se prolongou, e que permanecerá por muitas gerações, mais como uma tradição e um exemplo, para serem prezados por aquelles que nasceram muito tarde para a felicidade do conhecimento immediato.

«Foi sob os auspicios de Mendelssohn, que tocastes o concerto de Beethoven para violino na Sociedade Philarmonica em 27 de maio de 1844. N'aquella data as bellas artes, e a Musica entre ellas, desfalleciam entre nós! Não se entendia que a funcção da Arte não é a de ser meramente o recreio d'uma classe privilegiada, mas sim um elemento integral da vida nacional.»

«Aprendemos agora a saber e a fazer melhor. A grande e salutar mudança, a que assistimos no decurso da ultima geração, é largamente devida ás vossas poderosas faculdades. Aprendendo de Mendelssohn e Schumann, e trabalhando com Brahms na

camaradagem de amigos por toda a vida, tendes dedicado todas as vossas energias, como executante compositor, a continuar a tradição e a manter o ideal da musica classica (1)»

«A homenagem d'hospitalidade que vos offerecemos é semelhante ao artista, que domina todas as forças da mão exercitada, e ao musico, cujo perfeito saber e profunda reverencia pela sua Arte, tem uniformemente guiado a sua execução no caminho da interpretação a mais sincera.»

«O momento actual será, esperamol-o, memoravel por si mesmo. Nem por isso deixámos de desejar que possuiseis uma lembrança visivel d'elle. Sargent trouxe nos o voluntario e generoso auxilio d'uma arte irmã, e temos o prazer de vos offerecer o vosso retrato, em que elle empregou um zelo pouco vulgar para o completar no tempo de que dispoz.»

Deram-lhe então a riquissima dadiva de um retrato a oleo de tamanho natural, esplendidamente emmoldurado e pintado pelo illustre J. S. Sargent, o maior retratista do nosso tempo.

Extinctos a custo os echos da enorme ovacão que se seguiu á entrega do retrato, ergueu-se e tomou a palavra Balfour, o primeiro ministro britannico. Disse elle:

«Reuniu-se uma grande assembléa para honrar um homem, cujo nome é venerado onde quer que a musica classica seja conhecida. O dr. Joachim veio d'um paiz, cujo maior presente ao mundo artistico tem sido um dom musical. Se a musica de todas as outras nações do mundo fosse destruida, nós ficaríamos prejudicados em muitas grandes obras primas. Poderíamos comtudo avançar. Se, porém, a musica da Allemanha fosse destruida, não poderíamos progredir. Durante dois seculos tem este paiz produzido compositores, não só famosos no seu tempo, mas tambem homens cujas obras resistiram a toda a critica e ainda eram, e sempre serão, uma parte da bagagem musical ordinaria do amator de musica.»

«Era isto dizer muito do trabalho de qualquer nação e felizes somos todos na reflexão de que esta obra artistica não fosse limitada pelas fronteiras do espaço ou pelas barreiras da linguagem. Em qualquer parte onde houvesse ouvidos para ouvir e interpretes para interpretar, ahí se sentiria o enlevo que a musica fosse capaz de dar, sem respeito pelas nações ou pelas fronteiras do espaço ou pelos obstaculos da linguagem.»

«Isso, porém, requeria interpretes, e era n'este sentido que devíamos ao dr. Joachim uma divida de gratidão, muito difficil de cal-

(1) Esqueceu-lhe mencionar o professor. D'elle fallaremos no proximo numero.

cular. Tinha-se já feito referencia á condição das artes, quando ha sessenta annos elle aqui veio pela primeira vez, para interpretar as obras dos mestres agora, por desgraça, mortos! Porém, a mudança que se operou no gosto musical britannico, que em todas as partes do paiz e em todas as classes da comunidade abriu novas avenidas de alegrias artisticas, foi devida, não á obra de um ou de vinte ou até de cem homens. Se, comtudo, tivessemos d'escolher um, que merecesse mais que outro qualquer o titulo de primeiro n'esta grande causa, era para o dr. Joachim que todos olhariam.»

«Não o olhariam, porém, meramente como um grande artista. Sempre desde aquelle tempo feliz, em que elle, Balfour, tinha mais ensejo do que hoje para ouvir as grandes obras primas da Musica, a visita annual a Inglaterra do dr. Joachim foi d'antemão considerada não só como uma epoca de grande prazer esthetico, mas tambem como a visita d'um amigo que chegava.»

«E a grande e benefica influencia, que elle exerceu sobre a musica britannica, foi devida não só ás suas altas qualidades artisticas, mas tambem áquelle affecto humano que elle teve, como dom supremo e peculiar, de merecer atravez longos annos. Foi como musicos tanto como amigos e como amigos tanto como musicos, que elles agora desejavam prestar-lhe todas as honras que podiam e presenteal-o, como simples lembrança e monumento permanente d'aquella memoravel occasião, com um retrato d'elle pintado por um dos maiores artistas agora vivos!» (1)

Nova ovação, mais estridente ainda e longa do que a primeira, porque Balfour tocara a tecla do sentimento.

Depois, mal se pôde fazer silencio, Joachim replicou, profundissimamente commovido. Sentimos não poder reproduzir todas as suas palavras. Referiu se á Inglaterra como segunda patria sua e declarou que «a convicção agora recebida de ter em todas as circumstancias feito alguma coisa pelos seus esforços na causa da Arte que todos amavam, era uma memoria que teria de acarinhar por toda a vida.»

Inutil insistir nas pequenas homenagens e cumprimentos pessoaes, que depois recebeu das primeiras summidades artisticas, politicas e aristocraticas.

(Conclue.)

CARLOS DE MELLO.

(1) *Daily Telegraph* de 17 de maio de 1904.



## CARTAS A UMA SENHORA

II O.<sup>a</sup>

De Lisboa

Louvido Deus, para honra do seu sexo, minha senhora, e para justificado orgulho de todos nós, o nome de D. Anna Castro Osorio não é um nome desconhecido, antes dia a dia se tem tornado glorioso e illustre.

Desde a data, distante já, d'aquella deliciosa obra prima que a festejada escriptora publicou com o titulo de *Infelizes*, serie de historias vividas, simplesmente admiraveis, até estas suas *Quatro novelas* com que agora mesmo acaba de mimosear-nos, a linha ascensional que esse formoso talento feminino tem vindo a descrever é das que não pôdem passar despercebidas, porque toda ella está tracejada em luz.

Com effeito, reune-se n'esta senhora um tal conjuncto de qualidades de coração e de espirito, que não será facil encontrar, mesmo em mais deslumbrantes meios, quem melhor do que ella haja trabalhado, e com mais sequencia de plano e elevação de intuitos tenha produzido.

Inteiraente dominada pelo sagrado ideal de pôr a sua arte ao serviço de tudo quanto contribua para tornar a intelligencia mais rica e o coração mais justo, a sr.<sup>a</sup> D. Anna de Castro Osorio pôde desvanecer-se de andar combatendo, como poucos, o bom combate da libertação das almas e da doutrinação dos cerebros.

E tendo finamente percebido que na catechese amoravel das creanças poderia ir lançando as sementes de um novo mundo, mais cheio de verdade, mais penetrado de ternura, ainda lhe sobra entusiasmo e tempo para, de vez em quando, enriquecer a litteratura das gentes grandes com verdadeiros primores não só com respeito á fórmula, sempre litterariamente cuidada e rica, mas com respeito ao fundo, sempre nobremente educador e humanitariamente progressivo.

Não é esta a primeira e não será a ultima vez que tão aureolado nome aqui tenho escripto, bem o sabe a minha amiga, e que elle é dos que na capella intima dos meus cultos guarda um especial logar feito de enterne-

cida sympathia e de antiga admiração, também creio não lhe ser estranho.

Mas, quando como no actual momento, que não ousou afirmar constitua uma vertente da nossa historia mas sem a menor duvida representa alguma cousa de imprevisão na sua evolução e nos seus destinos, tantas coisas vemos e tão lamentaveis espectaculos presenciamos que nos desorientam e nos confrangem, nos assustam e nos desgostam, repousar por instantes a vista amargurada em paginas sãs e suggestivas, taes as que formam essas *Quatro novelas*, ainda é um doce gozo que nos compensa de innumerables tristezas.

Feitas todas com muito talento, muita observação e muita sensibilidade, se me é permitido especialisar alguma, especialisarei o *Diario d'uma creança* que em meu modesto entender reputo absolutamente perfeito, e a *Sacrificada* que julgo um primor, o que de modo nenhum significa que a *Vinha* e a *Feiticeira* não empolguem por igual o nosso interesse e não sacudam os nossos nervos.

Porque uma das características dos trabalhos de D. Anna de Castro Osorio é a de não poderem ser lidos indifferentemente com aquella philosophica impassibilidade com que se lêem as porventura interessantes produções de certos intellectuaes de agora.

Não; a auctora das *Ambições* põe muito da sua energia psychica n'aquillo que effabula e cria, e d'ahi a sua superioridade como contista e a sua acção como educadora.

A sua arte está sempre ao serviço das suas convicções; mas, como succeda serem estas o fructo de um largo, profundo e generoso espirito, e ser aquella a inteira fusão de apreciaveis dons de colorista exacta, de psychologa, intensa, de visionadora clara, e tudo isto servido por uma lingua ductil e fresca que successivamente se tem ido enriquecendo com effeitos novos e com relevos nitidos, a impressão que nos causa é a de uma sentida e consciante admiração, em que a personalidade moral da auctora nos apparece intimamente ligada com a sua personalidade litteraria.

Quem concebeu aquelle inesquecivel typo de Raquel do *Diario d'uma creança*, o Luis da *Vinha*, a Thereza e a Maria da *Feiticeira*, e a Manoela da *Sacrificada* é ao mesmo tempo uma imaginação creadora das mais ricamente dotadas, e um temperamento reflexivo, se assim posso exprimir-me, dos de mais extensa gamma ideativa, conhecedores a fundo do dominio superior e illimitado em que se enovelam os innumerables motivos que condicionam e agitam a misera humanidade.

Ignoro como as senhoras apreciarão este

recente livro d'uma tão qualificada representante do seu sexo, e digo ignoro, porque ultimamente, tenho tido varias decepções pelo que se refere aos sentimentos de tolerancia, de commiseración e até de bondade de muitas d'ellas, a ponto de quasi descrever das excellencias da alma feminina, se providencialmente o conhecimento que tenho da psychologia humana em geral e em especial da psychologia portugueza n'este momento, não me explicassem o triste factio; mas em todo o caso não se me daria de saber se a uma escriptora que como D. Anna de Castro Osorio tanto tem feito e continua fazendo para ennobrecer as mulheres portuguezas em particular e para nos elevar a todos como collectividade, não é uma subida homenagem de respeito a que lhe votam e uma effusiva solidariedade o que lhe trazem.

Na duvida, uma certeza me alenta e me consola: é que V. Ex.<sup>a</sup> será das que em taes sentimentos communge, e do coração me acompanhará nas modestas mas sinceras palavras que a ella aqui respeitosa e lhe consagro.

AFFONSO VARGAS.



Na ultima cronica de S. Carlos dissémos que se anunciavam mais récitas do *Sansão e Dalila*. A primeira d'elas realizou-se na noite de 27 de fevereiro, encarregando-se o tenôr Viñas da parte de *Sansão* e fazendo a sr.<sup>a</sup> Eugenia Mantelli a sua reaparição na de *Dalila*.

A sr.<sup>a</sup> Eugenia Mantelli é uma artista muito distincta e que ha bastantes anos os *dilettanti* de S. Carlos conhecem. Aplaudiram-na quando atingiu a fase mais brilhante da sua carreira. Se a sua voz já não tem o esmalte que fascina, nem por isso a sr.<sup>a</sup> Mantelli deixa de nos deliciar quando canta, tal é a arte com que sabe conduzir a voz e tal o sentimento com que fraseia. O dueto com o tenôr, no segundo acto do *Sansão*, em todas as noites tem dado ensejo a calorosos aplausos de que o tenôr Viñas tem compartilhado. As apreciaveis qualidades de cantora alia a sr.<sup>a</sup> Mantelli as de uma conscienciosa artista dramatica, procurando interpretar a personagem na justa medida das exigencias scenicas.

No *Sansão* deu o tenor Viñas mais uma prova de que é um artista com quem a empresa pôde contar. Além d'um repertório já bastante extenso, que de dia para dia vai enriquecendo pelo estudo de novas partituras, tem o sr. Viñas o merito de saber tornar-se simpático, embora sacrifique um pouco a arte ás exigencias de mau gosto do auditorio. As conveniencias do cantor lucrarão por certo muito com isso, mas o artista deve reprová-las. Seriamos dos que com muito prazer aplaudiriam o sr. Viñas, se fôsse menos exagerado em sustentar notas agudas.

No dia 29 reapareceu no 1.º acto do *Barbeiro* o notavel baritono *Titta Ruffo*. O Fígaro tem no distincto artista uma interpretação superior, embora um tanto ou quanto fantasista. A cavatina, que Titta Ruffo bizou por completo, foi delirantemente aplaudida. Nós tambem lhe aplaudimos a pericia com que soube defender-se de difficuldades.

No desempenho do *Barbeiro* tomou parte o tenor Perêa, que por certo teve occasião de se convencer da urgente necessidade de se dedicar a sérios exercicios de vocalização.

Na mesma noite foi pela primeira vez cantada a opera em 1 acto *Paolo e Francesca*, de Luis Mancinelli, tendo como principaes interpretes a sr.ª Picoletti e os srs. Krismer, Titta Ruffo e Zucchi.

Dos subidos meritos de Mancinelli como director de orchestra já por muitas vezes temos falado com elogio. Dos seus excepçoes dotes de compositor operista já tambem dissémos alguma coisa quando em março de 1902 foi cantado o *Hero e Leandro*. A abertura da *Cleópatra* é pagina musical de subido valôr que o nosso publico muito bem conhece e tem aplaudido sem favôr.

Na contextura musical do *Paolo e Francesca* ha bastante que admirar e mesmo que aprender. Mancinelli, não só pelo muito habito de dirigir orchestra de teatro lirico, mas tambem com os variados conhecimentos obtidos no estudo das mais modernas instrumentações e combinações de timbres orchestraes, obteve no *Paolo e Francesca* efeitos de sonoridade verdadeiramente sorprendentes, de inteira novidade. A orquestração está trabalhada com arte e mão de mestre muito perito no assunto. A partitura, de interpretação difficil, requer repetidas audições para poder ser bem comprehendida. Ha melodias de concepção feliz que se apontam e que no fim de tres ou quatro compassos com saudade vemos desaparecer. E' o moderno processo da melodia interrompida, com o fim de satisfazer ás exigencias de uma harmonia constantemente variada.

Preferiamos ver desenvolver essas melodias tão felizmente iniciadas e que com certeza

deixariam no auditorio impressão duradoura. O compositor italiano devia crear uma escola puramente sua, embóra com feição acentuadamente moderna, mas sem esse servilismo wagnerianista que deprime.

Na scena lirica ha logar para todas as escolas. Deixem a Wagner os processos que lhe são proprios, que formam uma escola especial, inimitavel, que tem os seus admiradores e um publico escolhido nos templos consagrados ao repertorio alemão.

O pequeno numero de audições que temos do *Paolo e Francesca* impede-nos de apontar quaes os trechos mais dignos de nota, embora por egual nos interessem as diferentes situações musicas. A *Maggiolata*, himno ao mez de maio cantado por Francesca: *Maggio, bel maggio, disiato maggio*, acompanhado pelo quarteto de vozes femininas, é um dos trechos que pela sua originalidade nos impressiona bem, logo no começo do drama lirico. D'aqui por deante succedem-se as belezas de melodia, sublinhada por combinações orchestraes de seguro efeito, ás vezes de uma intensidade dramatica fóra do vulgar.

A' excepção do notavel baritono Titta Ruffo, por parte dos artistas principaes o desempenho do *Paolo e Francesca* não foi dos mais felizes. Mancinelli por certo não ficou muito satisfeito com êle, mas tambem nos parece que não teria no elenco muito por onde escolher. A' orchestra é que couberam todas as glorias, porque o seu apuro de execução é realmente digno de nota e de elogio.

Em 24.ª recita extraordinaria reapareceu no dia 9 no *Hamlet* a soprano ligeiro sr.ª Clasenti. Tanto éla como Titta Ruffo em janeiro do ano passado cantaram tambem a mesma opera. De ambos os artistas já por essa occasião dissemos o que sentiamos e nada por agora temos a acrescentar. Durante este lapso de tempo não adeantou a sr.ª Clasenti em trabalhos de vocalização, o que é realmente muito para sentir.

Da sr.ª Mantelli só teriamos de repetir o que ha pouco dissemos a respeito da Dalila do *Sansão*. Sempre artista correcta, quer como cantora quer como comediante.

Quanto ao notavel baritono Titta Ruffo, a *volata* da canção bacchica foi este ano outra vez motivo de calorosas ovações, que julgamos merecidas, porque a diz realmente muito bem, repetindo toda a canção sem o menor vestigio de fadiga. Pelo que respeita á interpretação dramatica faremos o seguinte reparo.

Se o estado vesanico do protagonista da celebre tragedia de Shakespeare é uma realidade, Titta Ruffo, na comprehensão psicologica da personagem dá-lhe nesse sentido a

mais lata personificação. Nem de outro modo se pôde compreender o conservar se deitado sobre uma *chaise-longue* quando a sua augusta mãe e rainha lhe estava dirigindo a palavra, depois da retirada de Ophelia. Uma tal irreverencia só pôde ser explicada pela morbidez mental. E na mesma exaltação nervosa se filiam os exagerados movimentos, assim como a crescente ideia de matricídio, que no seu doentio cerebro se gerou e tomou vulto, apesar da expressa recomendação do espectro do pai: respeitar a mãe. *Non obliar.*

\*

Foi pela primeira vez cantada em Lisboa a 10 do corrente a *Madame Butterfly*, de Puccini, compositor que muito bem conhecemos pelas suas partituras da *Manon*, *Bohème* e *Tosca*.

Sendo talvez Puccini o mais considerado dos *maestros* da moderna pleiade de compositores italianos, é também o que mais se distingue pelo insistente emprego de especiaes processos de harmonia, que constituem individualidade. A ideia predominante de obter originalidade, que em geral obceca os compositores, leva Puccini a desrespeitar regras de harmonia que para bem dos nossos ouvintes deviam ser consideradas como dogmas. Ha occasiões em que o desprezo d'essas regras tem para nós uma explicação admissivel e até plausivel. Com o esbatido das côres indecisas da alvorada nos 3.<sup>os</sup> actos da *Bohème* e da *Tosca* está de acôrdo o emprego seguido de acordes naturaes, dando-nos a impressão de tonalidades também indecisas.

Mas estes casos muito particulares não autorizam permanentes dissonancias sem preparo nem resolução, que nos torturam, fazendo com que a definição de musica — combinação de sons agradaveis ao ouvido — seja pura excepção.

Na *Madame Butterfly* o laureado mestre italiano usou e abusou dos seus originaes processos. Na sua característica instrumentação repete combinações de estranhos timbres já noutras obras empregadas. Também por este lado não encontramos novidade. Quanto á parte melódica, que em Puccini é muitas vezes de uma empolgante seducção quer na *Manon* quer na *Bohème* e mesmo na *Tosca*, não está na *Madame Butterfly* á altura do *maestro* muito era para esperar. Se no decorrer dos 3 actos ha um ou outro numero de melodia mais sugestiva, sublinhada por um trabalho orquestral interessante, pululam em compensação as banalidades musicas, que fazem d'esta partitura um trabalho forçado e de curta vida scenica. Mesmo o côro

de marinheiros, com que fecha o segundo acto, se para o auditorio é pela sua simplicidade um numero de efeito, não tem na realidade um subido valor musical.

No dueto de amor do primeiro acto, no de soprano e baritono do segundo e na scena dramatica final do terceiro é que Puccini conseguiu imprimir o cunho da sua individualidade melódica. Nas estranhas modulações imitando a tonalidade japonêsa, com que pretende dar ao ambiente uma côr local, ha combinações harmonicas interessantes.

E depois de uma primeira audição nada mais podemos dizer. Oxalá que o nosso pessimismo, sem exageros, tenha occasião de ser modificado depois de outras audições. Também teremos a franquês de o dizer.

No desempenho da *Madame Butterfly* merece especial menção o magistral trabalho da sr.<sup>a</sup> Krusceniski, que sob todos os pontos de vista estudou e interpretou maravilhosamente a personagem, innocente victima da imoralidade de um marinheiro sem brio e d'um complacente consul sem dignidade. Productos espurios da imaginação transviada d'um romancista sem assunto melhor para as suas lucubrações.

Do merito artistico das r.<sup>a</sup> Krusceniski já falamos a paginas 41 e 50 da *Arte Musical* de 1906, sendo o seu retrato publicado a pag. 69.

A encenação da *Madame Butterfly* é digna de elogio.

13 de março.

ESTEVES LISBOA.



## Memorias de uma Rainha

Clara Schumann

Todos aquelles que conhecem um pouco de litteratura estrangeira não lhes será desconhecido o nome da rainha da Roumania cujas obras litterarias são sempre assignadas com o pseudonimo de *Carmen Sylva*. Senhora de uma rara cultura, os salões do seu palacio são o ponto de reunião de litteratos e artistas. O estylo que nós encontramos nos seus livros, é cheio de simplicidade, procurando despertar no leitor o interesse da narrativa, acompanhado de descripções bellamente feitas; assim como os caracteres das personagens têm um cunho de realismo muito seu, que vulgarmente não se encontra em outros escriptores.

Pois *Carmen Sylva* acaba de publicar o seu

primeiro volume das suas *Memorias* em um editor de Francfort com o titulo de : *Un canto dos meus Penates*.

Todos os capitulos são assaz interessantes mas houve um que me prendeu a attenção, e que pensei logo em o traduzir para a *Arte Musical*; é aquelle que nos dá a noticia do seu encontro com Clara Schumann.

Posto isto daremos a palavra a Carmen Sylva:

«Tinha oito annos quando a ouvi pela primeira vez, foi em Bonn; o meu primeiro concerto! Senti me todo o dia tão nervosa, que francamente a vinda da noite despertava em mim um mal estar insuportavel! Emfim a hora chegou, minha mãe apenas com a idade de vinte e sete annos, estava condemnada, pelos seus soffrimentos, a andar em uma cadeira de rodas, e eu não sei se andava ao lado d'ella, ou se antes voava; meu primeiro concerto!! Entrámos na sala do concerto, estava completamente cheia de espectadores, não olhei para ninguem, apenas os meus olhares estavam todos no piano. Sentia-me tremula e cheia de nervoso. Ella entra, e poz-se ao piano, estava vestida de velludo preto, e os cabellos negros habilmente penteados seguavam uma unica rosa vermelha que estava posta um pouco atraç d'uma das orelhas.

Tinha um não sei quê de harmonioso na sua pessoa, que tive a impressão que o vestido era vermelho como a rosa! As mãos eram pequenas e firmes, e a technica bastante delicada, mas de tudo o que me ficou gravado foi o seu olhar. Um pouco inclinada sobre o piano, parecia que desejava ouvir melhor, para estar longe de todos. Os seus olhos eram maravilhosos, tristes como a morte! E pensei como podiam ser tão tristes, quando ella tocava de uma fórma tão divina! Ninguem então me disse que seu marido soffria de uma doença mental e que os seus dez filhos deveriam ser sustentados com aquelles dez dedos que n'aquelle momento tão habilmente tocavam sobre o piano. Não pensava que ella fosse pobre, estando assim vestida de velludo preto! Eu pensava então que sendo artista, era com certeza muito rica; na minha idade a realidade é um conto, e o conto uma realidade! Ou se é Robinson ou Aladino, e mais frequentemente Robinson e Aladino. Ainda se é insensível aos thesouros d'este mundo, mas o meu coração era muito sensível aos olhos tristes, porque conhecia muito bem a tristeza e a dôr. Minha mãe não deixava a cadeira de rodas, meu irmão era tambem um martyr e meu pae um phtysico. Guardava para mim as minhas impressões, e nada soube do destino de Clara.

Mais tarde tornei a vel-a em S. Petersburgo quando tinha os meus vinte annos. Acabava

eu de estar bastante doente, d'um typho, e sentia-me tão fraca, que mal podia estar de pé. Acabava de receber a triste noticia do fallecimento de meu pae. N'este momento soube que Clara Schumann estava com sua filha Maria em S. Petersburgo.

A Gran Duqueza Helena, a boa amiga e protectora dos artistas, offereceu-lhe immediatamente o seu palacio para habitação. Como me senti alegre pensando que estaria assim ao pé de mim! Que bellos momentos da minha juventude! Quando Clara Schumann ia estudar piano, sempre me dizia, e eu ia logo, e escutava a quasi sem respirar. Fui d'ahi a pouco sua discipula, que bellas lições e que methodo no ensino!! Deu-me para tocar as *Scènes d'enfant* que eram boas para as minha forças, e depois da lição Clara encontrando em mim uma pessoa com quem pudesse desabafar, contou-me a sua triste historia que não posso deixar de narrar, é uma simples descripção mas cheia de tristeza e lagrimas. Assim principiou:

«Meu pae e minha mãe estavam divorciados. Gostava doidamente de minha mãe, e meu pae, casando novamente, a sua mulher não era nada boa para mim. Tinha 14 annos quando Schumann veio a nossa casa; ficamos logo amorosos um pelo outro e noi-vamos muito em segredo; tinha elle 18 annos e eu 14, era um amor cheio de viço da mocidade. Não dissemos nada a meu pae, porque este tinha outras vistas sobre o meu futuro.

«Logo que meu marido chegou aos vinte e dois annos e eu desoito, eu fui ter com meu pae e elle com o juiz. Schumann tinha provado que era maior e capaz de sustentar familia, mas meu pae respondeu-lhe com uma carta na qual se encontrava dezoito insultos e foi por este motivo que o meu noivo o chamou aos tribunaes. Foi assim que me encontrei entre os dois perante o juiz, que reconheceu o direito de pertencer a meu noivo. Meu pae tinha umas ideias muito elevadas, pois chegava a dizer: «minha filha não deve casar com um musico vulgar (sic); um conde ou mesmo um principe não serão dignas d'ella». Fui posta fóra de casa sem vestidos e sem a minha roupa branca, minha madrasta tirou-me do dedo o anel dado por minha mãe e deu-o á filha! Foi assim que fiquei sem nada! Parti com meu marido, foi para mim o ceu, dez annos cheios de felecidade — o ceu! Os filhos vieram logo. O mais velhinho foi muito doente, incapaz de poder mais tarde ganhar o pão, mas nós eramos tão felizes! de meu pae nada soube, tinha morrido para elle. Eu via sómente para meu marido, seguia sem-

«pre cada movimento do seu espirito, e tão  
 «bem, que desde o dia que a sua intelligen-  
 «cia principiou a estar um pouco doente, jul-  
 «guei-me ficar louca como elle! Desejava se-  
 «gui-lo n'esta phase da sua vida, e não com-  
 «prehendia onde chegaria. Uma noite chamou  
 «por mim e disse-me: «Levanta-te e sobe um  
 «instante, peço te.» Quando entrei, pergun-  
 «tei-lhe a razão daquelle pedido, e elle res-  
 «pondeu-me: «Tive medo de te fazer mal.»  
 «Foi n'essa epocha que elle ouvia constante-  
 «mente uma aria, adaptando-a a uma melo-  
 «dia. Partiu para as margens do Rheno e não  
 «m'o deixaram ver! Pedia-me perdão, soffria  
 «muito e muito! Achava-me sósinha com um  
 «homem doido, e com dez filhos. Meu pae  
 «não me escrevia com receio que eu lhe pe-  
 «disse dinheiro, mas felizmente encontrei ami-  
 «gos que fizeram uma subscripção, e comeci  
 «então a viajar e a dar concertos. Deixei meu  
 «marido em Bonn em casa de um medico,  
 «lá esteve tres annos, sem o ver, apesar das  
 «minhas constantes tentativas. Estava em  
 «Londres quando no proprio dia do meu con-  
 «certo recebi uma carta, dizendo-me que meu  
 «marido tinha poucos dias de vida e que de-  
 «veria partir. N'esta situação dei o con-  
 «certo, disseram-me que toquei bem, mas eu  
 «nem sei o que tocava. Apenas me lembro  
 «que toda a sala dançava diante de mim.  
 «Parti logo para Bonn, quando cheguei ainda  
 «não quizeram que o visse, não, agora era  
 «demais! entrei. Causava dôr, olhou para mim  
 «mas já não com aquelles olhos admiraveis  
 «que possuia. Não queria comer nada, por-  
 «que para elle todo o alimento era veneno!  
 «Comeu alguma coisa da minha mão e se-  
 «guiu todos os meus movimentos; fui quasi  
 «feliz no meu terrivel soffrimento, sentir uma  
 «vez ainda o seu grande amor. Morreu... e  
 «eu sósinha sobre a terra, com todos os meus  
 «filhos a sustentar! Que martyrio!»

Nunca mais vi Clara Schumann, senão em  
 1869 em um concerto, que ella deu com o  
 Stockhausen.

Atravez da linguagem simples de Carmen  
 Sylva, vemos a dôr suprema de Clara Schu-  
 mann, que pelas lagrimas e pelo amor gozou  
 tão de perto as dôces melodias de Schumann,  
 esse profundo compositor tão cheio de philo-  
 sophia.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



No ultimo dia de fevereiro organisou a il-  
 lustre professora, D. Palmyra Baptista Men-  
 des, uma interessante *matinée* d'alumnas, em  
 que se executou um programma artistica-  
 mente escolhido.

Como elemento d'estimulo e como prova  
 pratica, somos os primeiros a applaudir estas  
 audições periodicas de character escolar, quan-  
 do feitas desprezenciosamente, como as que  
 costuma realizar a distincta leccionista; são  
 sempre de uma vantagem inilludivel para as  
 jovens educandas, quando, em cada audição,  
 ellas encontram um incentivo de progresso e  
 não um motivo de mal cabida vaidade.

A suprema distincção de M.<sup>me</sup> Mendes e  
 a requintada educação, que se ministra no  
 Collegio Inglez, a que está annexa a escola  
 de piano da conhecida professora, são ga-  
 rantias sufficientes de quanto serão ali pro-  
 veitosas as sessões musicas d'alumnas.

N'esta a que vimos alludindo, a sr.<sup>a</sup> D. Pal-  
 myra Mendes esmaltou o programma com a  
 execução primorosa das *Variações* (op. 82)  
 de Mendelssohn, *Dois Estudos* de Chopin e  
*Valsa* de Widor.

\*

Na sala Gil Vicente (Porto) fez a eximia  
 pianista Maria Antonieta Aussenac a sua es-  
 treia a 7 do corrente.

O publico fez-lhe uma ovação extraordi-  
 naria, juncando lhe o palco de flôres e cha-  
 mando a repetidas vezes.

O professor Moreira de Sá, que executou  
 com M.<sup>elle</sup> Aussenac a *Sonata* de Grieg (op.  
 45) teve tambem um largo quinhão d'applau-  
 sos.

Foi o primeiro concerto organisado n'esta  
 epoca pelo *Orpheon Portuense*.

\*

Não tendo podido, por imprescindiveis af-  
 fazeres, assistir ao terceiro concerto promo-  
 vido por Alexandre Rey Colaço em favor de  
 uma colonia de verão no Estoril, e que se  
 effectuou na tarde de domingo, 8, temos de  
 limitar-nos a condensar as informações que  
 pudemos colher a esse respeito.

Dos discipulos de Rey Colaço, alguns já  
 por seu turno mestres, fizeram-se ouvir D. Pal-  
 myra Mendes, D. Judith Luisello Fernandes,

D. Hersilia Guedes e Castro Freire. Sem de-sejar de modo algum especialisar, o que se-ria tanto menos correcto quanto é certo que não pudemos julgar *de auditu* pelo motivo já apontado, ouvimos fazer referencias muito elogiosas ao modo como o joven Castro Freire executou a *Partita* de Bach e a *Sonata* de Beethoven que tocou com o illustre violoncellista, sr. Somers Cocks.

Este ultimo tambem se houve com a ma-xima correção tanto n'essa obra, como na *Sonata* de Marcello, a que já nos referimos n'outro numero.

O que parece porém ter sido a grande attracção do concerto foi a estreia em Lis-boia de uma notavel cantora-amadora, a sr.<sup>a</sup> D. Candida Kendall, cuja voz nos dizem ser privilegiadamente timbrada e com todas as condições para o theatro, se a illustre ama-dora pensasse alguma vez em consagrar-se á carreira lyrica. Na 2.<sup>a</sup> parte do concerto teve uma ovação verdadeiramente enthusias-tica.

\*

O concerto de Mad.<sup>elle</sup> Aussenac, a 10, pro-porcionou-nos uma inolvidavel lição d'arte. Difficilmente se encontra um tão excep-cional temperamento artistico, servido por qua-lidades tão invulgares de technica, de *toucher*, d'interpretação e de côr, e grande razão tinha o nosso eminente pianista Vianna da Motta quando affirmava ser a joven Aussenac um dos talentos mais completos que conhecia.

Attinge com igual confiança e felicidade os generos mais descontrados; tão nota-vel é a sobriedade e grandeza do seu Bach, como a tumultuosa ardencia do seu Liszt ou a febril melancolia do seu Chopin. No en-tanto, e como impressão meramente pessoal, devemos dizer que as obras de poesia ou de delicadeza nos impressionaram mais funda-mente que as de bravura, chegando algumas a commover-nos intensamente — isto em principio e sem nos especialisarmos em cita-ções, que nos levariam demasiado longe.

Uma das qualidades dominantes no jogo da encantadora artista é a maneira como canta no seu piano: todas as modalidades da ternura se traduzem ali, com apparente sim-plicidade de processos, mas com tanta inten-sidade e sobretudo com tanta sinceridade, que nos sentimos insensivelmente arrastados, ainda que o não queiramos, na mesma cor-rente emotiva que o auctor quiz crear e que a interprete tão superiormente põe em relevo. O desprendimento da difficuldade material, que não existe para os dedos privilegiados d'esta artista, completa o poder suggestivo da sua execução e não a deixa distrahir um só momento do fim principal a que visa — de-

senhar nos seus mais bellos lineamentos a obra d'arte e fazel-a comprehender e amar sem esforço e sem cansaço.

Poucas são as occasiões de ouvirmos artis-tas com tão elevadas faculdades d'interpre-tação. D'aqui lhe enviamos pois o nosso sin-cero applauso e a expressão da nossa não menos sincera admiração.

\*

Hontem, 14, quiz a simpatica artista, a que alludimos no artigo anterior, honrar a *Sociedade de Musica de Camara*, tomando parte no seu 51.<sup>o</sup> concerto.

Sir Somers Cocks, o illustre violoncellista amator, a que aqui nos temos referido, pres-tou tambem o seu valioso concurso a esta audição.

O programma foi o seguinte: — *Trio-Sé-rénade* de Beethoven, para cordas, *Etudes Symphoniques* de Schumann, para piano e *Quinteto* de César Franck para piano e cor-das.

Além das duas illustres individualidades apontadas, tomaram parte n'este concerto os srs. Francisco Benetó, Antonio Lamas, Cecil Mackee, D. Luiz da Cunha Menezes e Mi-chel'angelo Lambertini.

\*

Hoje realisa-se no Salão do Conservatorio um concerto promovido pelo distincto violi-nista Julio Cardona.

A' hora de metter o jornal na machina, não conhecemos ainda o programma d'esta ses-são musical.

A's 9 horas da noute effectua-se no mesmo local o concerto de despedida de Mad.<sup>elle</sup> Aus-senac.



## PORTUGAL

Como primeira noticia e com a maior sa-tisfação damos aos nossos leitores a da pro-xima vinda de Vianna da Motta a Lisboa. O eximio pianista, que a nossa plateia se não cança nunca de applaudir, deve vir á nossa capital em principios de maio, sendo de es-perar que dê aqui pelo menos um concerto,

como alguns dos seus amigos e admiradores lhe estão sollicitando.

\*

O nosso director, sr. Michel'angelo Lambertini, procurou pessoalmente o sr. Presidente do Conselho para lhe entregar um memorial, em que se tratam assumptos do maior interesse para a classe dos profissionaes da musica e em especial para o futuro da *Grande Orchestra Portuguesa*.

S. Ex.<sup>a</sup> prometteu todo o apoio á pretensão a que alludimos.

\*

O *Orpheon Portuense* contractou o violinista Fernandez Bordas e o pianista e organista Canuto Bera para um concerto que se realisará em 26 d'este mez.

\*

Pensa-se fazer no proximo mez d'abril um grande certamen de philarmonicas, podendo concorrer não só as de Lisboa mas tambem as dos arredores.

Destinam-se quatro premios pecuniarios ás sociedades philarmonicas que mais se distinguirem, sendo dois de avultada importancia.

\*

O infatigavel escriptor d'arte, sr. Dr. Sousa Viterbo, deu á publicidade mais um substancial folheto sobre os *Mestres da Capella Real*, tornando conhecidos importantes documentos que a elles se referem.

O cyclo visado d'esta vez pelo illustre investigador abrange desde o dominio filippino até D. José I e reporta se a Francisco Garro, Philippe de Magalhães, Marcos Soares Pereira, Filippe da Cruz, Sebastião da Costa, Antonio Marques Lesbio, Francisco de Carvalho, Domenico Scarlatti e David Perez, para cujas biographias conseguiu o dr. Viterbo novos e valiosos esclarecimentos.

Agradecemos penhoradamente ao distinctissimo auctor do folheto o exemplar com que se dignou brindar nos.

\*

No periodico portuense, o *Diario da Tarde*, lemos dois brilhantes artigos assignados pelo nosso bom amigo Ernesto Maia, a respeito das operas de Puccini, *Madame Butterfly*, que ha dias foi cantada no Porto e no nosso theatro lyrico no dia 10 do corrente.

Os artigos mostram que o notavel critico

portuense fez um profundo estudo do libreto e da partitura, e encantaram-nos sobremodo tanto pela feição litteraria que os distingue, como pelo alto criterio artistico que n'elles se revela.

Na secção respectiva allude tambem á *Madame Butterfly* o nosso distincto collaborador especial de assumptos lyricos, o sr. dr. Esteves Lisboa.

\*

A camara municipal de Cascaes promoveu em 7 do corrente na egreja parochial solemnes exequias, em commemoração do passamento de Sua Magestade El-Rei D. Carlos e Sua Alteza o Principe D. Luiz Philippe. A parte musical d'esta solemnidade, sob a proficiente direcção do Padre Caetano Baptista, merece menção especial. N'ella se evidenciaram distinctamente alguns amadores d'aquella villa, entre elles o proprio padre Baptista que tomou a seu cargo, além da regencia, a execução de todos os solos de tenor, muito correctamente cantados.

Coadjuvaram os esforçados amadores, alguns professores de Lisboa, os srs. João Evangelista e Ivo da Cunha e Silva, Nepomuceno Ramos, Aprigio Antunes e João Antonio da Silva.

\*

No dia 10 mandaram os corpos gerentes da *Real Academia de Amadores* resar uma missa na egreja dos Martyres, em sufragio das almas de Sua Magestade El-Rei D. Carlos e Sua Alteza o Principe D. Luiz Philippe.

A orchestra da *Academia* executou muito distinctamente a Marcha funebre da 3.<sup>a</sup> *symphonia* de Beethoven.

Correspondendo ao convite que lhe foi endereçado, a *Sociedade de Musica de Camara* fez-se representar pelo seu director, o sr. Antonio Lamas.

\*

O *Monte-Pio Philarmonico* publicou o seu relatorio de 1907, de cujos mappas e tabellas se depreheende que ficaram existindo em 31 de dezembro 136 socios, entre effectivos e honorarios, e que passou para o anno corrente um saldo de réis 1.064\$060, dos quaes se empregaram posteriormente 863\$500 na compra de 2.000\$000 nominaes de inscrições.

Em subsidios pecuniarios, medicamentos, banhos e varias pensões empregou o *Monte Pio* durante o anno passado a quantia de réis 876\$410.

## A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

**Hamburgo — Porto — Lisboa**

**Antuerpia — Porto — Lisboa**

**Londres — Porto — Lisboa**

**Liverpool — Porto — Lisboa**

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

## CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS — STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.



## Lambertini

**Pianos** das principaes fabricas: Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

**Musica** dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

**Instrumentos diversos**, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas. Ocarinas, etc.

**Peçam-se os catalogos**

**Praça dos Restauradores**

## Augusto d'Aquino

**Rua dos Correeiros, 92**

**Agencia Internacional de Expedições**

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

**Carl Lassen, Ásiahaus**

**Hamburgo, 8**

**AGENTES EM . . .**

- Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghemakere
- Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
- Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
- Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E. C.
- Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
- New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA



## PROFESSORES DE MUSICA

<b>Adelia Heinz</b> , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
<b>Alberto Sarti</b> , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
<b>Alexandre Oliveira</b> , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
<b>Alexandre Rey Colaço</b> , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
<b>Alfredo Mantua</b> , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
<b>Antonio Soller</b> , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
<b>Candida Cilia</b> , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D</i>
<b>Carlos Gonçalves</b> , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
<b>Carolina Palhares</b> , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
<b>Eduardo Nicolai</b> , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
<b>Elisabeth Von Stein</b> , professora de violoncello, <i>R. S, Sebastião, 9, 2.º</i>
<b>Ernesto Vieira</b> , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
<b>Francisco Bahia</b> , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
<b>Francisco Benetó</b> , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
<b>Guilhermina Callado</b> , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
<b>Irene Zuzarte</b> , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
<b>Joaquim A. Martins Junior</b> , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.</i>
<b>Joaquim F. Ferreira da Silva</b> , prof. de violino, <i>Rua José Estevão, 50, 3.º, E.</i>
<b>José Henrique dos Santos</b> , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
<b>Julieta Hirsch Penha</b> , profes.ª de canto, <i>R. Cons. Pereira Carrilho, M.M.J. 3.º E.</i>
<b>Léon Jamet</b> , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
<b>Lucila Moreira</b> , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
<b>M.ª Sanguinetti</b> , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
<b>Manuel Gomes</b> , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
<b>Marcos Garin</b> , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
<b>Maria Margarida Franco</b> , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
<b>Philomena Rocha</b> , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.</i>
<b>Rodrigo da Fonseca</b> , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

## A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

*Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração*

**PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA**